



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2014: SIC - XXVI SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2014
<b>Local</b>	Porto Alegre
<b>Título</b>	Divisão literária e polarização ideológica: a posição de Jorge Amado no debate da crítica na década de 1930
<b>Autor</b>	GIOVANI BUFFON ORLANDINI
<b>Orientador</b>	HOMERO JOSE VIZEU ARAUJO

Na década de 1930, instaurou-se no Brasil um debate político-ideológico extremamente radical que contaminou quase que por completo o ambiente literário, convergindo diretamente para romances, periódicos especializados e jornais da época. Eram os tempos do período que passou a ser denominado pela historiografia como Romance de 30, geração imediatamente seguinte a do Modernismo. No início da década de 30, o ambiente é de incerteza e de incômodo. A crise internacional do liberalismo – que ainda lambia as feridas da Primeira Guerra Mundial – se acentuara ainda mais com o *Crash* de 1929 e com a queda da hegemonia econômica cafeeira. Os desdobramentos da República, instaurada em 1889, apontavam para um aparato democrático limitador e profundamente corrupto, o que levou Getúlio Vargas à tomada de poder com a Revolução de 30. Essa evidente e inevitável descrença nos ideais burgueses, construídos ao longo do século anterior, constrangia intelectuais e escritores ao entendimento de que um ciclo se esgotara e de que um mundo novo precisava ser erguido. São os primeiros momentos da pré-consciência do subdesenvolvimento, conforme apontado por Antonio Candido: a percepção de que, para atingir o nível de civilização dos países do velho mundo, seria preciso transformar radicalmente a realidade social brasileira. Entretanto, os possíveis alicerces para essa obra ainda não estavam suficientemente claros, o que se apresentava em obras literárias que se mostravam um tanto confusas e imprecisas ideologicamente. No debate literário que então já se fazia intenso, duas grandes correntes se apresentavam, uma de cunho mais espiritualista e religioso e outra de verve mais materialista, havendo ainda muita imprecisão, sendo que ambas as soluções não se encontravam exatamente em oposição, inclusive se misturando em alguns casos. Esse quadro se altera no mês de julho de 1933 com dois lançamentos estridentes, os romances *Cacau*, de Jorge Amado, e *Os Corumbas*, de Amando Fontes. Essas obras posicionaram o romance proletário no centro das discussões e estabeleceram definitivamente a cisão que polarizaria o corpo literário: de um lado, o grupo formado em sua maioria por escritores e críticos do Rio e São Paulo, alinhados à direita, pregando uma reformulação moral e religiosa do Brasil, aproximando-se, em alguns casos, de grupos integralistas; de outro lado, os intelectuais e escritores da esquerda, materialistas, oriundos de regiões periféricas do país. Essa disputa permaneceu acesa enquanto durou a relativa hegemonia do romance proletário, o que começara a se esgotar ainda em 1935 com o endurecimento da centralização varguista. O limite se estabelece em 1937 com o Estado Novo que promoveu a queima pública de livros simpáticos ao credo comunista e a prisão de intelectuais e de escritores. Jorge Amado, então membro do Partido Comunista, destacou-se na intelectualidade brasileira ainda no começo da década. Além de romancista de verve política e revolucionária, mostrava-se deveras combativo na publicação de artigos de crítica literária, ganhando voz no debate que discutia os rumos da literatura brasileira. Assim sendo, o objetivo central deste trabalho é analisar a posição de Amado no debate da crítica literária do período em questão – quais as avaliações do autor e de seus opositores em relação aos contornos políticos e estéticos dos romances mais relevantes publicados entre 33 e 37? Este debate se dava, sobretudo, em jornais e periódicos especializados. Analisaremos, então, obras como *Uma história do romance de 30*, de Luís Bueno, e *Jorge Amado vida e obra*, de Miécio Táci, entre outros trabalhos nos quais estão recolhidos alguns artigos não só de Amado, mas também dos pares com quem ele debatia. Interessa investigar a posição do romancista baiano não somente enquanto crítico, para aprimorar a compreensão de sua obra romanesca, mas também para análise de sua posição e de seus contemporâneos em momento de radicalização ideológica e literária no Brasil. A formulação do romance proletário, tomado como gênero narrativo, receberá atenção especial neste trabalho por conta da ampla relevância que adquiriu na comunidade literária no contexto da época. A investigação acerca da obra de Jorge Amado vincula-se ao projeto *Literatura e nacional-desenvolvimentismo: tensão na forma literária e promessas de integração social*, orientado pelo Professor Homero Araújo no curso de Letras da UFRGS.